

“Queremos fazer um jornal ao serviço das massas trabalhadoras” – disse-nos o director da *Gazeta da Semana*

Pode parecer estranho, atendendo ao número de jornais existentes, que se aposte na publicação de mais um; cremos, todavia, que existe um vácuo na Informação, que as publicações que existem apanham sensivelmente o mesmo sector do público, difundem a mesma informação – com variantes, é certo – se enquadram no mesmo quadro ideológico.

Há, assim, uma parcela de mercado ideológico que não está coberta e que vamos procurar cobrir” – disse-nos João Martins Pereira, director da *Gazeta da Semana* semanário que aparecerá amanhã à venda.

A *Gazeta da Semana* terá, em princípio, vinte páginas e sairá regularmente às quintas-feiras. A tiragem prevista para o primeiro número é de cerca de 10 mil exemplares.

O *República* tentou preencher este vácuo (mal) e, acabado o *República*, fez-se o vazio total. Que pretendemos nós fazer? Informar, alargar o campo de informação, dar a palavra e lutar por uma alternativa. Fazer um jornal ao serviço das massas trabalhadoras – prosseguiu João Martins Pereira.

“Do ponto de vista do tratamento da Informação, a Imprensa burguesa pode ser dividida em dois tipos: a que se especializa na manipulação dos leitores, pelo sensacionalismo, pela censura, pela falsificação descarada, e a que simula tratar os factos com “objectividade” e espírito de análise, mas igualmente os escamoteia.

“Queremos oferecer informação desmistificada, fazer a descoberta do político no quotidiano, contar o que outras escondem...”

## INFORMAÇÃO VINDA DE “BAIXO”

Por outro lado, mais do que nunca após o 25 de Abril, a política parece ser feita quase exclusivamente em Belém, S. Bento ou nos estados-maiores militares ou partidários. Este é o mito sustentado pela “objectividade” e pelo “pluralismo” da Informação burguesa que, naturalmente, procura silenciar a acção e a palavra das massas. No melhor dos casos, os jornais limitam-se a comentar as estratégias respectivas dos vários “centros de poder”, descrevendo o seu jogo aparente, mantendo-se portanto na sua órbita. Um projecto de informação popular não se pode limitar a “corrigir” a Informação falseada. Deve alargar o próprio campo da Informação.

Por um lado, é preciso dar a conhecer as decisões desses “centros de poder”, pois seria ingénuo ignorá-los, sobretudo num momento como o actual. O que não basta é descrever o que eles dizem e as relações entre eles, sendo necessário compreender a sua estratégia e os interesses das classes que servem e exprimem, revelar a sua política e as consequências dela para o povo. Neste sentido, é preciso contrapor à Informação vinda de “cima”, a Informação vinda de “baixo”, da prática e das ideias das massas populares. Contrapor, sistematicamente, às medidas antipopulares, antidemocráticas e repressivas do Poder e do capital, o ponto de vista, as aspirações e os interesses das massas populares, os elementos duma alternativa política que seria a sua negação.

“Por isso, a *Gazeta da Semana* será também um ponto de encontro do movimento popular, por isso defendemos a linha de “dar a palavra” aos trabalhadores, para

que o jornal possa constituir um instrumento de elaboração da experiência dos trabalhadores e de defesa da unidade e das conquistas do movimento popular. “Trata-se de elaborar a experiência adquirida durante um ano e meio de luta, mas igualmente de discutir os problemas actuais do movimento: a questão do controlo operário e do “poder popular”, as alianças e a questão camponesa, as questões de organização política e do socialismo. Trata-se ainda do estudo da realidade portuguesa e do seu enquadramento na luta de classes mundial, tarefas que, entre nós, devem começar pelas mais elementares formas de conhecer e divulgar o que se passa em todo o País. É a partir de “dar a palavra” e da discussão política e teórica que, num jornal, se começa a contrapor uma alternativa revolucionária à ditadura da burguesia e à ameaça do fascismo. A ignorância, o desprezo da realidade e o medo das contradições nunca serviram nenhuma revolução.

“Achamos que, neste sentido, é rentável investir em Informação. Um jornal é política e ideologicamente rentável. Sob o ponto de vista económico, estamos convencidos de que contará com largo apoio e que poderá sobreviver.

## NÃO À PUBLICIDADE

A *Gazeta da Semana* quer ser independente perante o Estado (a banca nacionalizada) perante todos os centros de pressão (Partidos, Sindicatos, etc.) e perante entidades privadas com relativo poder económico.

Também não terá publicidade, embora como nos disse João Martins Pereira, no futuro isso possa vir a acontecer, mas sempre e só publicidade seleccionada.

“Temos já assegurado o exclusivo do *Libération* e a publicação regular de textos da *Lotta Continua*. Vamos dar particular atenção a questões habitualmente mal tratadas, como a escola, a criminalidade, os problemas da mulher, o quotidiano. E se nos preocupa tratar a Informação, também queremos ser informativos.

“Haverá uma secção “Tribuna”, destinada ao confronto de ideias, e muitos inquéritos. No sector internacional, daremos especial relevo às ex-colónias.

“Já dispomos de uma rede de correspondentes nacionais e em breve teremos correspondentes no estrangeiro. A nossa redacção (Lisboa e Porto) é constituída por conhecidos profissionais da Imprensa – Adelino Gomes, Fernando Belo, Jorge Almeida Fernandes, entre outros – e por não profissionais. Contamos ainda em Coimbra com um colaborador permanente que centralizará a abertura da zona centro.

“Já há grupos de apoio à *Gazeta da Semana*, já temos assinaturas: confiamos nos leitores. A *Gazeta da Semana* será um jornal de Informação e de luta, independente, apartidário, aberto a todas as correntes do movimento popular e, por isso, contamos com o apoio das massas trabalhadoras a quem se dirige, para que possa sobreviver e, mais tarde, transformar-se mesmo em diário”